

TUDO NA MEMÓRIA

Lynne Kelly

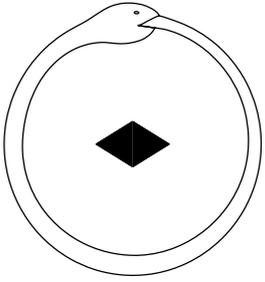


cadernos
SELVAGEM

Oralidade e memória são fios condutores dos estudos Selvagem desde trabalhos que antecedem e fundamentam nosso ciclo, como, por exemplo, *O Gabinete de Curiosidades de Domenico Vandelli* ou *Una Isi Kayawa - Livro da Cura Huni Kuin*, pesquisas que abarcam saberes sobre as plantas através de sistemas tão diversos quanto a taxonomia lineana e os cantos de Yube, a jiboia sagrada.

Quando Gerrie Schrik apresentou o trabalho de Lynne Kelly ao Grupo Aprendizagens sentimos grande entusiasmo. Afinal, Lynne expõe, com muita clareza, “práticas ancestrais de fortalecimento da memória particular e coletiva”.

Este texto maravilhoso contribui com todas as camadas de aprendizagens, percursos e práticas da esfera Selvagem. Nossos profundos agradecimentos à generosidade de Lynne Kelly por partilhar suas pesquisas e por ceder este texto à publicação de um Caderno Selvagem, à nossa guia por selvas de conhecimentos Gerrie Schrik, que apresentou Lynne e este texto de forma tão especial, e à querida Mary Hatakeyama por traduzi-lo para o brasileiro.



TUDO NA MEMÓRIA

Lynne Kelly

Este texto é uma versão adaptada da apresentação de Lynne Kelly, [“Improve your Memory using Indigenous Methods”](#) [[Melhore a sua memória usando métodos indígenas](#)], apresentada na Moreland Library, em Melbourne, Victoria, Austrália.

Ela também disponibilizou algumas de suas fotos.

“o único jeito de guardar dados a longo prazo, longo prazo de verdade, é em relações intergeracionais, em que os dados são guardados em narrativas, narrativas intergeracionais. Assim, podem durar quarenta, cinquenta, sessenta mil anos. Podem durar enquanto houver relações continuadas – aqueles dados durarão. É a única maneira segura de guardar dados a longo prazo”

Tyson Junkaporta

Precisamos aprender *com* as culturas indígenas e não apenas *sobre* elas, porque essas culturas têm muito a nos ensinar sobre a memória. É sobre isso que vou falar. Gostaria de dizer que as bibliotecas da cidade de Moreland estão localizadas em território do povo *Wurundjeri Woi-wurrung*, e de reconhecer os seus anciãos do passado, do presente, do futuro e os que estão chegando. Gostaria de agradecer ao povo *Djadja Wurrung*, em cujas terras, em cujo Território Ancestral vivo e trabalho, e que me ajudou muito nessa pesquisa. Mas eu gostaria de estender essas boas-vindas a todas as culturas indígenas do mundo, porque a minha pesquisa inclui técnicas que são compartilhadas por todas, a respeito de como memorizar grandes quantidades de informação. Elas não terceirizaram o serviço de armazenamento para a escrita, a tecnologia ou o Google e guardaram tudo na memória. E, quando digo ‘tudo’, quero dizer quantidades imensas.

Sou a Dra. Lynne Kelly. Comecei meu doutorado há doze anos, sobre comportamento animal, histórias indígenas e afins. E tudo era muito simples e agradável, até que me dei conta de que as culturas indígenas estavam memorizando grandes quantidades de informação. Não pude entender como: não consigo memorizar nem o dia da semana, ou não conseguia naquela época, porque minha memória natural é pateticamente ruim. Eu só era boa em matemática, física e coisas do tipo, porque não precisava memorizar nada. E eles estavam memorizando as espécies de animais, não apenas os mamíferos e as grandes coisas em que pensamos, mas centenas de invertebrados, peixes, pássaros e todo o resto. Centenas, senão milhares de plantas, todas as suas propriedades e tudo o mais. Acrescente a navegação e estaremos falando de centenas de quilômetros de navegação — chegaremos às *Songlines* e outras práticas em um momento. Sua genealogia, relacionamentos complexos, geologia, ciências, tempo, clima, gestão da terra... a lista é infinita. E então dei uma reviravolta em todo o meu doutorado e no livro planejado, porque queria saber como é que eles fazem isso. E foi isso o que aconteceu e o que comecei a pesquisar.

O que entendi foi um conjunto de métodos combinados. E o que vou falar é sobre como esses métodos podem ser usados por você, agora, e não apenas como as culturas indígenas os usam. Porque elas tinham que memorizar todas essas coisas e dependiam delas, não apenas para sobreviver fisicamente, mas também culturalmente. E aqui na Austrália temos culturas que, sabemos, datam de pelo menos 65 mil anos atrás, mas temos histórias que datam de pelo menos 17 mil anos atrás. [Elas] foram verificadas pela ciência — não que os povos indígenas precisassem que elas fossem verificadas — mas há histórias de mudanças na costa. Temos histórias de pesquisa, como a de [Patrick Nunn](#), que remontam ao passado, e temos maneiras de saber que essas histórias são memórias válidas de eventos ocorridos há 17 mil anos. Mencionei de passagem Stonehenge, mas isso foi há apenas 5 mil anos: ou seja, ontem. Então, acreditamos que aparecerão histórias muito mais antigas, conforme a pesquisa for avançando.

Mas como elas fazem isso? Elas usam um conjunto de métodos: um deles é a contação de histórias, primeiro porque é muito mais fácil lembrar uma história do que uma lista de fatos. Segundo, as histórias podem ter novidades — agora vou falar sobre a neurociência do cérebro¹. É como se as culturas indígenas conhecessem toda a neurociência recente e a aplicassem em seus métodos. Assim, no hipocampo, que é onde a memória de curto prazo se transforma em memória de longo prazo, existem células chamadas *células de lugar*. E o [Prêmio Nobel de Medicina de 2014](#) falou sobre a forma como essas células de lugar, células de localização, ajudam a memória: o seu cérebro mapeia coisas. E o que é surpreendente para mim é que cada vez que você pensa sobre algo, seu cérebro está implantando uma rede neural física. Ela desaparecerá ou se perderá caso você não a reforce falando sobre ela - mais memorização, verificação, repetição — mas essas redes físicas estão aí. E sabemos que as pessoas podem estabelecer novos caminhos neurais até elas... temos evidências de pessoas com cem anos de idade fazendo isso. Demonstrou-se agora que não é verdadeira a ideia de que a plasticidade do cérebro necessariamente decai com a idade. O problema é que não continuamos utilizando esta plasticidade.

O que estou dizendo corresponde à neurociência dos cérebros indígenas, dos nossos cérebros, dos cérebros de todo mundo. É muito mais fácil memorizar histórias porque o cérebro gosta de novidades e as histórias podem ser extremamente inovadoras. É por isso que as histórias indígenas, e os contos de fadas que delas se originaram, possuem personagens vívidos: são todos muito feios, muito bonitos, eles são muito

1. Há uma série de materiais elaborados pelo Selvagem, ciclo de estudos e pela Dantes Editora, que compreendem registros de histórias de cosmogonias indígenas em território brasileiro. A exposição [Viva Viva Escola Viva](#) foi uma celebração das cinco Escolas Vivas (*Guarani, Maxakali, Tukano-Dessano-Tuyuka, Baniwa e Huni Kuĩ*) e conta [com um catálogo publicado](#), com registros variados. Além disso, há no site Selvagem muitos exemplos de registro de histórias indígenas, como o ciclo [Memórias Ancestrais](#), composto por uma série de cadernos e de filmes, e o Caderno de Carlos Papá e Verá Kanguá, [A vida do Sol na Terra](#), entre muitos outros. Entre os livros publicados pela Dantes Editora, temos [Umbigo do mundo](#), de Francy Baniwa e Francisco Baniwa, e [Antes o mundo não existia](#), de Umusi Pārōkumu e Tōrāmū Kēhīri, ambos registros de histórias passadas de geração em geração, dos povos Baniwa e Dessano. O [Ciclo Sol](#), publicado de setembro a dezembro de 2024, apresenta vídeos com narrativas indígenas sobre o Sol, contadas em língua originária, acompanhados de cadernos bilíngues.

bons, muito maus, fazem coisas horrendas, grotescas. Porque há um fato lamentável, que é útil nesse contexto, quando começamos a falar sobre como aplicar esses métodos: seu cérebro é muito melhor para lembrar coisas que são grotescas, ou vulgares, ou sexuais, do que fatos bons e agradáveis.

Elas usam música, porque a música funciona maravilhosamente bem para a memória. E sabemos que é verdade: agora existem muitos estudos sobre pessoas com demência bastante avançada, que quase já não demonstram reação, mas, ao tocar para essas pessoas músicas que elas conheceram quando eram jovens, elas respondem à melodia e sabem cada palavra da canção. As culturas indígenas cantam suas informações, cantam seus conhecimentos ao longo da vida. O que nós fazemos é cantar nosso alfabeto quando somos pequenos e depois paramos de cantar o conhecimento e passamos a cantar coisas como “Te amo, te amo, não posso viver sem você”. Então, por que não cantamos informações?

MÚSICA, DANÇA E MOVIMENTO

Ao longo dos últimos doze anos, venho testando essa pesquisa, por exemplo, na escola Malmsbury de ensino fundamental. Nessa escola, as crianças vão desde o início do ensino fundamental até o sexto ano, ou seja, até os doze anos. Setenta crianças teriam que estudar ‘força’ porque ‘força’ é um conteúdo fundamental do currículo de ciências. Uma semana depois perguntei a todas as crianças, exatamente com as mesmas palavras: “você lembra de ter estudado ‘força’ em ciências?”, e elas responderam “Sim”. Então perguntei o que é uma ‘força’. Três me disseram que era “empurrar ou puxar”. O restante me disse que era “quando seus pais ou amigos te obrigam a fazer coisas”, ou “que a força esteja com você”, o que pode ser ótimo para Star Wars, mas péssimo para a física. Então, o professor de música, Joseph Bromley, pegou a Marcha Imperial de Star Wars e montou uma musiquinha. “Uma força é empurrar ou puxar, empurrar ou puxar” — não posso deixar de fazer os movimentos que acompanham a música. As crianças cantaram esta música e, depois de uma semana, fiz exatamente a mesma pergunta, com as mesmas pa-

lavras. Setenta de setenta me disseram que era “empurrar ou puxar”, elas fizeram os movimentos e riram. Elas colocaram emoção e diversão nisso. E a ciência do cérebro, a neurociência, dirá que, se há conteúdo emocional, será muito mais memorável. Não estou dizendo para cantar tudo, estou dizendo para cantar o básico. Porque isso significa, originalmente, que, quando os professores estavam dizendo a palavra ‘força’, as crianças estavam pensando em tudo quanto é tipo de coisa. Agora elas sempre pensam ‘força puxar-empurrar’. A música é um ótimo método.

Dança ou movimento são outras maneiras. Se você já viu culturas indígenas representando o comportamento dos animais, verá que elas podem fazer isso de uma maneira, usando dança e movimento, que nunca poderíamos fazer na escrita. Então temos dança, narrativa e música.

ORALIDADE

E agora vamos passar aos dispositivos físicos e de paisagem. A pesquisa acadêmica que eu estava fazendo era sobre oralidade. Temos a escrita, mas o que as culturas indígenas possuíam antes mesmo de terem a escrita, embora elas também tenham a escrita agora, era a oralidade, a cultura oral. Elas tinham esse conjunto de métodos incluindo música, narrativa, dança e assim por diante, e também a paisagem.

Quando comecei a entender como é que faziam isso, logo me deparei com as *Songlines*. As *Songlines* [linhas de canto] aborígenes são replicadas em todo o mundo pelas culturas indígenas. Os nativos norte-americanos as chamam de *Pilgrimage Paths* [caminhos de peregrinação], os Inca as chamam de *Ceques* [linhas], os Polinésios, de *Ceremonial Roads* [estradas cerimoniais]. Há outros exemplos, como de algumas culturas africanas, que usam as mesmas técnicas. E basicamente o que elas fazem é: à medida em que se movem pela paisagem, que é apenas a geografia, eles fazem algum tipo de ritual em cada lugar. E esse lugar se torna um lugar sagrado, torna-se um lugar que é uma pista para informação. Se você voltar ao que eu disse sobre o Prêmio Nobel de Medicina de 2014, sobre as células de lugar, o cérebro faz isso automaticamente, ele cria uma fotografia temporal. Portanto, se você pensar em alguma coisa enquanto estiver em

determinado lugar, ocorre uma associação entre os dois. Fazemos isso naturalmente — as culturas indígenas fazem isso deliberadamente. E isso é algo que também foi introduzido nas escolas.

MINHAS PESQUISAS SOBRE MEMÓRIA

Mas a outra coisa que elas fazem, que não enfatizei o suficiente em meus livros anteriores sobre esse tema, é o uso de personagens. Deixe-me explicar como lidei com isso. Fiz um doutorado em sistemas de memória. E então percebi que as culturas indígenas que construíram monumentos antigos devem ter usado esses sistemas. Se fizermos apenas uma suposição sobre as pessoas que construíram o Stonehenge, a Ilha de Páscoa e todas as outras culturas orais, é a de que elas tinham enormes quantidades de conhecimento e elas não teriam sobrevivido se não tivessem. E que elas eram totalmente dependentes de suas memórias, o que sabemos que eram. Acrescente isso e, de repente, há uma forma completamente diferente de olhar para esses monumentos, como o Stonehenge e os Círculos de Pedras, a Ilha de Páscoa, o Cânion de Chaco, há muitos deles em todo o mundo. E isso se tornou o meu doutorado, que foi publicado pela Cambridge University Press como *Knowledge and Power in Prehistoric Societies* [Conhecimento e poder nas sociedades pré-históricas]. Não comprem o livro, é caríssimo e nele há muitos colchetes, nomes e outras coisas que o tornam ilegível. Mas depois saiu *The Memory Code* [O código da memória], publicado pela Allen & Unwin aqui na Austrália, e outras editoras ao redor do mundo que publicaram traduções. Pensei que a principal reação seria “ei, ideias novas sobre Stonehenge e todos esses monumentos ao redor do mundo”. O que me chocou foi que em provavelmente noventa por cento dos e-mails que recebi em razão do *The Memory Code* perguntavam: “como podemos usar essa informação sobre a memória hoje?”. Isso levou ao livro seguinte, *Memory Craft* [Ofício da memória], que é o tema principal da fala desta noite e sobre o que falei até agora. Mas acabou de ser lançado *Songlines, the Power and Promise* [Songlines, poder e promessa], feito com Margo Neale, chefe indígena de Conhecimentos Indígenas no Museu Nacio-

nal da Austrália. É uma publicação de Thames & Hudson e do Museu Nacional australiano. Isso é maravilhoso porque mostra que os povos indígenas estão muito felizes com o que estou dizendo.

Mas voltemos a você e à sua memória. Então falamos sobre personagens, não enfatizei isso o suficiente em *The Memory Code* e nem sei se fiz isso em *Memory Craft*. Mas vamos ver alguns exemplos, estou com alguns dos meus amigos aqui. Eu uso personagens para tudo o que aprendo, porque histórias que têm personagens fazem muito sentido e são fáceis de lembrar. E o que foi incrível para mim, e um pouco angustiante no começo, foi que muitas dessas perguntas eram sobre como memorizar línguas, línguas estrangeiras. Considerando que a minha memória é tão naturalmente ruim — na escola, as línguas estrangeiras eram praticamente impossíveis para mim —, decidi que tinha que assumir isso e testar esses métodos para o francês e assim o fiz. Estes são os meus personagens: Fleur e Petite Prof.



Personagens Fleur e Petite Prof, com objetos de acordo com seu gênero gramatical em francês.
Foto de Lynne Kelly.

Logo logo você para de se sentir idiota falando com ursos e bonecas e coisas assim. Fleur é feminina, ela tem uma flor no vestido, Petit Prof é masculino. Para o francês, em que a grande questão é saber o que é masculino e o que é feminino, qualquer coisa em que eu pense, como, por exemplo, *la robe* que é feminino, eu associo com Fleur nas minhas histórias e imaginação. Assim, de manhã ao me vestir, quando estava aprendendo sobre as roupas, eu colocava os vestidos na Fleur e o sutiã no Petit Prof. Petit Prof não ficou muito satisfeito com isso, mas *soutien-gorge* é masculino. Agora, você nunca mais vai esquecer que ‘sutiã’ é masculino em francês. ‘Vagina’ também é masculino, mas Petit Prof não fica muito feliz quando falo disso. Como eu comecei a lidar com o francês, decidi ir até o fim. E provavelmente você vai adivinhar qual língua eu também encarei, que foi o chinês, dialeto mandarim. Outros dois personagens também me ajudaram com essa língua. Tenho personagens com quem converso e falo o dia todo em francês e chinês, e isso faz uma enorme diferença na maneira de pensar, porque dá vida, acrescenta personalidade.

SONGLINES E TERRITÓRIO

Outro grande método são as *Songlines*, palácios da memória, método de *loci* — pode chamá-lo como preferir. Se você ler em qualquer lugar sobre palácios da memória, os gregos antigos e o método de *loci*, vai encontrar a informação de que eles inventaram ou descobriram esse método. Este é o método que associa informações com lugares na paisagem. Uma vez que se associa a informação com a paisagem, esta torna-se Território — isso é o que é Território Ancestral, não se trata apenas de geografia, é esta paisagem que está viva com o conhecimento e os personagens. Os gregos antigos não inventaram isso. Todas as culturas indígenas usavam esse método, os gregos foram os primeiros a registrá-lo por escrito e, por isso, receberam todo o crédito.

Então, se quiser usar o método, vou dar um exemplo: tenho todos os países do mundo, 242, memorizados em ordem populacional. O que a *Songline* faz é colocar as informações básicas, e você pode adicionar camadas cada vez mais complexas. Assim, ali é a porta da frente [apontando], o

maior país do mundo é a China, então na porta de entrada imagino uma refeição chinesa sendo entregue. Na verdade, eu vou até lá e represento essa imaginação, só é preciso fazer isso uma vez: você se sente tão boba que não esquece mais. Isso associou a porta da frente com a China. Tudo o que eu quiser acrescentar a isso, Beijing, tudo o mais, eu acrescento à história que tenho na porta da frente, e que já começou porque há uma refeição sendo entregue. O segundo, na estante, é a Índia. Deitei-me no chão e assisti a uma produção de Bollywood. O terceiro, que é bastante inquietante, são os Estados Unidos, porque coloquei Donald Trump à mesa — por isso agora ele está permanentemente lá, o que é um pouco triste, mesmo quando ele desaparecer da política. Dou uma volta pela casa, pelo jardim, saio, faço compras e volto e já dei conta de todos os países do mundo. Agora tenho um gancho para cada país, então para alguma coisa nas notícias, algo que li, posso acrescentar e formar camadas cada vez mais altas. É isso que as culturas indígenas fazem.

E a maneira como essas culturas impedem que a informação seja corrompida? Você conhece a brincadeira do telefone sem fio, em que você conta algo para as pessoas e, ao final de cinco minutos, a informação está completamente corrompida? Ainda assim, acabei de dizer que as culturas indígenas, os Aborígenes australianos, possuem histórias que datam de 17 mil anos atrás. Como elas não foram corrompidas? É disso que o conhecimento restrito² cuida. Ao ter iniciações em níveis cada vez mais elevados, as histórias são repetidas somente pelas pessoas que foram iniciadas e têm permissão para tal, e as histórias são constantemente verificadas para que permaneçam exatas. E quanto mais alto for o nível alcançado, mais restrita fica a permissão e essa é uma das principais razões pelas quais elas conseguem permanecer por tanto tempo. A outra razão é que esses métodos são muito confiáveis. Agora, tenho dez quilômetros de palácios da memória distribuídos em torno de Castlemaine, onde moro. Tenho palácios da memória para verbos franceses, para radicais chineses, os mil dígitos de Pi estão aí e me surpreende como isso funciona. E

2. Em inglês, “secret business” refere-se a conhecimentos restritos a certos grupos sobre cerimônias, cantos e conhecimentos antigos e tradicionais, passados de geração em geração, em iniciações específicas em diversos níveis. Quanto mais alto for o nível, mais restrito é o conhecimento e, portanto, há menos pessoas propriamente iniciadas. As práticas e hábitos que cercam o conhecimento restrito são rígidos, e a quebra das regras é punida severamente.

funciona muito bem. Esta manhã fiz o palácio dos verbos franceses em *-er* - nas minhas caminhadas matinais brinco com informações o tempo todo e é muito divertido. Tenho uma história que começa no portão da frente há quatro milhões e quinhentos mil anos.

Caminho pela pré-história. Eu costumava caminhar com minha cachorra, que morreu de velhice. Ela costumava chegar ao Cretáceo e, por alguma razão, acho que por causa dos dinossauros ou algo assim, ela não conseguia atravessar esse período. Então, eu tinha que pegá-la e carregá-la até passarmos pelo Cretáceo, chegando quase até o Holoceno, até que ela ficava feliz em continuar, ela trotava — não tenho ideia do motivo. Volto para o portão de entrada, em 1000 a.C., então passo no outro quarteirão e retorno para cá, em 1900. Tenho todos os anos mapeados aqui em casa. O que significa que não há um evento que aconteça, em qualquer país ou período no tempo, para o qual eu não tenha um gancho. Meu amor pela história passou do zero para “não me canso disso” porque agora eu posso fazer conexões. Se você disser 1200 d.C., meu cérebro vai para a esquina da Randall’s Road e sei que o Rei John está [no trono britânico], não preciso lembrar das datas. Olhando ao redor, consigo ver que há uma árvore com o Rei John nela, o Grande Zimbábue na África está florescendo na estrada, a dinastia Song acabou de terminar na China, verifico o que está acontecendo no Cânion de Chaco e posso ver o que está por vir e o que já foi. É incrivelmente eficaz.

Pelas pesquisas sabemos que o povo *Yanyuwa* possui 800 quilômetros de *Songlines*. Meus dez quilômetros não são nada. Em sua pesquisa com o povo *Yanyuwa*, John Bradley, da Universidade Monash, mapeou 800 quilômetros desses palácios da memória, tudo na memória dos mais velhos. Não restam muitos anciãos que ainda possuem essas habilidades, e é por isso que realmente enfatizo que precisamos aprender *com* as culturas indígenas, não apenas *sobre*, porque elas possuem técnicas e habilidades que não temos e que são incrivelmente úteis para nós.

Então, isso é fazer a chamada fotografia temporal. Se você pensar em duas coisas de uma vez, um lugar e uma informação, seu cérebro dirá que é temporal, ao mesmo tempo que a fotografia as liga, faz uma fotografia delas, como um *link*. Nas culturas indígenas há muitos tipos de métodos para serem usados, muito além de usar apenas seu ambien-

te local. Não vou me mudar daqui nunca, nada me fará mudar, porque minha paisagem é absolutamente viva. Agora é Território. Vislumbrei o que são as *Songlines*. É óbvio que não tenho a experiência completa, não posso ter. Você consegue imaginar como seria se você tivesse passado toda a sua vida aprendendo essas *Songlines* e soubesse que elas vieram dos seus pais e seus avós e de muito atrás lá no tempo? E se, então, alguém invadissem o seu país e colocasse cercas e atirasse se você fosse lá? O que aconteceu não foi apenas abuso físico e crueldade, foi crueldade intelectual. Os nativos norte-americanos deixaram suas terras e chamaram esse percurso de Caminhada das Lágrimas, quando foram transferidos para as reservas. A maior parte do meu trabalho é com o povo *Pueblo*, porque eles conseguiram permanecer lá.

DISPOSITIVOS DE MEMÓRIA

Mas vamos continuar porque uma das maiores novidades de *The Memory Code* foi o dispositivo africano que mencionei, chamado *Lukasa*. Vamos dar uma olhada nos equivalentes australianos.



Um Coolamon, objeto sagrado australiano, não restrito, do Deserto Central.

A maioria deles, como o *Churinga*, são itens restritos, mas este é um *Coolamon*, um prato para carregar comida. Tem mais de cem anos e vem do Deserto Central. Recebi a tutela dele de *Warlpiri*, mas não é da cultura deles, então o conhecimento associado ao objeto foi perdido. Mas teria sido um *Coolamon* de menina e, na parte de trás, há todas essas marcações. Este é um dispositivo de memória e estou usando isso para lembrar os habitats, então, as meninas aprenderiam uma música associada a cada uma dessas marcações, e as praticariam, cantariam, dançariam e, lentamente, construiriam o conhecimento e adicionariam mais e mais camadas ao topo.

Lukasa é o dispositivo que foi melhor pesquisado — ele foi exaustivamente pesquisado. Infelizmente não sobrou nenhum dos anciãos. O último ancião especialista em *Lukasa*, do povo Luba, na África Centro-Ocidental, na região do Congo, não está mais vivo. Há algumas décadas ainda havia anciãos, e os pesquisadores fizeram muitas pesquisas sobre o *Lukasa*. Eu também paguei aos Luba, através dos pesquisadores, pela propriedade intelectual: e este é o que eu mais copio. Basicamente é um pedaço de madeira com conchas e miçangas colocadas sobre ele.

Quando li que eles tinham codificado todo o sistema de conhecimento, uma quantidade imensurável de informações, nesse dispositivo, em um objeto com o formato perfeito para serem segurados com as mãos, não acreditei. E você toca cada um dos elementos e canta a música correspondente, conta as histórias correspondentes. Sou membra fundadora dos *Australian Skeptics* [Australianos Céticos]: não tinha como eu acreditar, apesar de toda a pesquisa, que era possível colocar uma pilha de informações em um pedaço de madeira com contas e conchas. Então fiz um experimento científico bem desleixado: peguei um pedaço de madeira da nossa varanda, coloquei nele aleatoriamente contas e conchas, e depois de projetá-lo [mostrando mais um dispositivo], decidi codificar um guia de campo para as aves vitorianas, porque sou casada com um observador de aves fanático.



Primeiro Lukasa experimental de Lynne Kelly, improvisado, onde codificou um guia de campo de aves australianas.

São 412 nativas, mais ou menos, dependendo de como são classificadas. São 82 famílias, então codifiquei primeiramente as famílias. Onde comecei, o primeiro, está espinhoso porque sou muito ruim em artesanato e a continha caiu. Deixei assim porque o primeiro é a família *Dromaiidae*, que é um Emu, e os Emus têm bicos muito afiados, então de qualquer maneira funcionou bem. E minhas músicas começam com a imitação do som do rufar de tambores, começo estilo Emu. A segunda concha é *Anatidae*, que são os patos, e não sei se você consegue ver a pequena mancha nela, mas, se olhar bem, parece com um rabo de pato balançando. Você tem que ter um pouco de imaginação e vai relaxando mais, quanto mais fizer.

Agora tenho que codificar dezesseis patos nisso. Eles incluem o *Maggie Goose* [espécie de ganso] e o Cisne. Decidi fazer uma partida de futebol entre os gansos e os cisnes. Tem o *Australasian Shoveller* [pato-colhereiro], então imaginei que a partida estava ficando muito violenta com os patos das espécies *Hardhead* [pato-de-olho-branco] e *Blue-billed* [pato-de-bico-azul]: o *Shoveller* os mata. Os *Musk Ducks* [patos-almiscarados] se escondem no mato, sim, no mato, usando sua colônia *musk* e também estão lá as duas senhoras *Teals* [duas espécies de patos *Teal*]. Bem, tenho uma história que me dá 60 patos em ordem taxonômica. Então, sei que o *Black Duck* [pato-preto-australiano] e o *Mallard* [pato-real] são similares. E assim continuo para cada ave. As coisas acontecem quando se está fazendo isso, o que faz com que funcione com facilidade. Por exemplo, tive que colocar a família *Menuridae* ali, naquela pedrinha, *Menuridae* é nosso *Lyrebird* [ave-lira]. Já disse que não sou boa em artesanato, ou melhor, digamos que sou péssima em artesanato, por isso dá para ver que a cola pingou. Decidi que parecia que um homem tinha urinado no meu *Lukasa*, o que me deu *Menuridae* e ele mentiu [*to lie* em inglês] sobre isso, o que me deu *Lyrebird*, então esse foi muito fácil. Você vai inventando coisas com facilidade conforme vai ficando mais tranquilo. São muito eficazes, tenho feito isso com crianças de três anos, com pequenos *Lukasas*, codificando apenas *Acacias* [gênero de plantas] locais. Recebo muitos e-mails de pessoas que testaram e não conseguem acreditar como funciona bem, melhor do que qualquer outra coisa.



Lukasa experimental da Lynne Kelly, planejado, com visual inspirado nos Lukasas tradicionais do povo Luba.



Lukasa histórico do povo Luba da Bacia do Congo, que hoje se encontra no [Museu de Brooklyn](#).

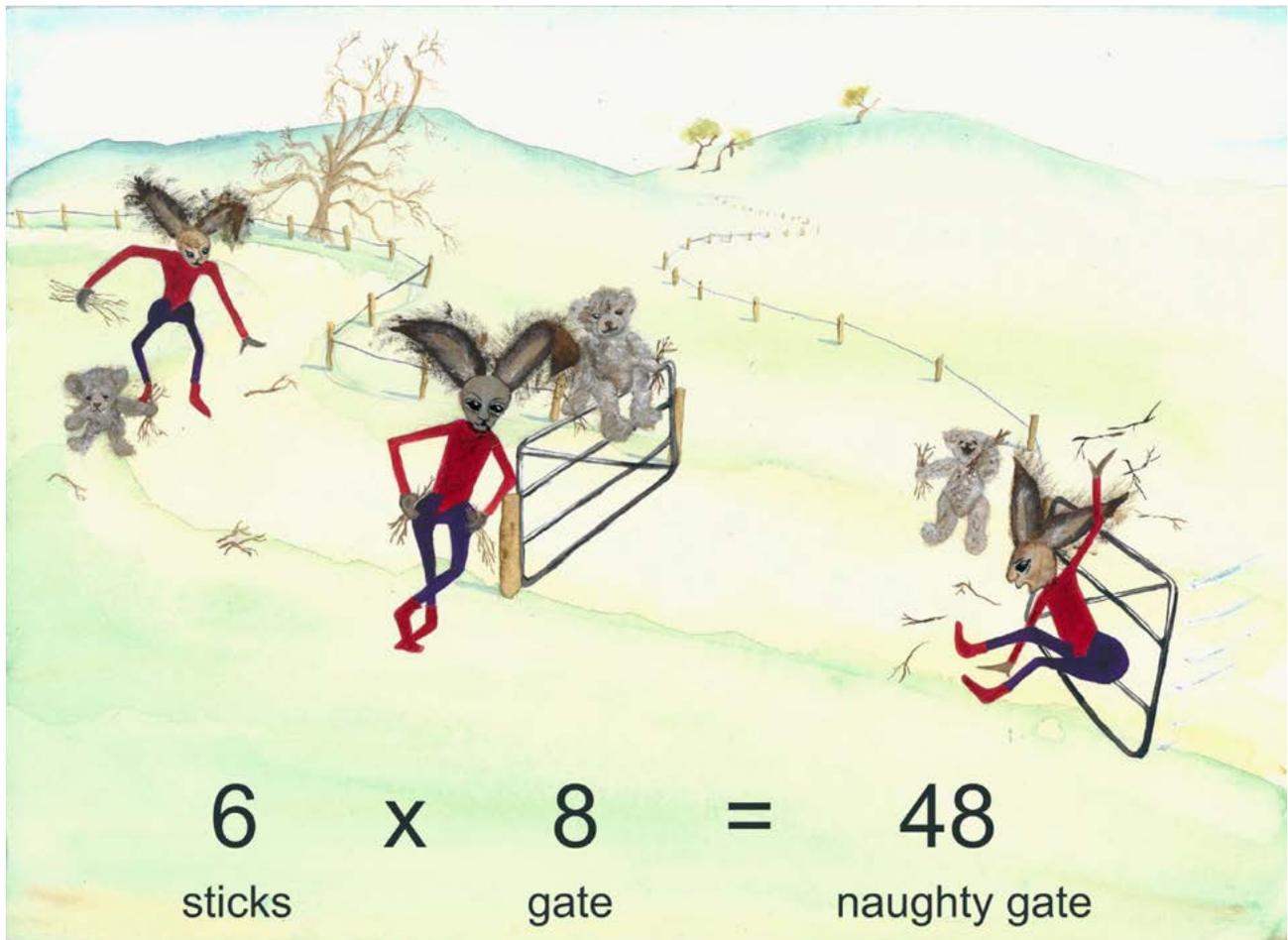


Lukasa histórico do povo Luba da África Equatorial Ocidental, que hoje se encontra no [Museu de Brooklyn](#).



A prancheta de memória de Lynne Kelly com famílias de aranhas australianas codificadas.

Há uma série de outros métodos que não tenho tempo de abordar agora. Há pranchetas de memória, como esta que você pode fazer. Já que curto aranhas, fiz uma prancheta reunindo todas as famílias. Aquele lado é *Lycosidae*, são as aranhas-lobo e ali estão seus olhos. Isso funciona, mas não tem a natureza tátil do *Lukasa*, então não funciona tão bem quanto. São todos métodos das culturas indígenas: joias, objetos que posso movimentar em um palco. Estou fazendo dessa maneira com os deuses greco-romanos. É inacreditável, apenas com pedras, lindas pedras coloridas que encontrei. Os Astecas e os Maias eram alfabetizados, tinham suas escritas. Mas os Incas não tinham escrita, eles dirigiam todo o seu vasto império usando as *Songlines* ao redor de Cusco, sua capital, e um dispositivo de cordas com nós chamado *Khipu*. Há pergaminhos narrativos dos países asiáticos. Você pode usar seu corpo e suas mãos. A arte é outro método importante. Assim, meu objetivo na educação agora é: vamos colocar arte e música no coração do currículo, servindo a todo o currículo, como fazem as culturas indígenas, e não deixá-las apenas às margens.



Um exemplo das tabuadas de matemática do Rapskali.

Uma coisa que tenho é um conjunto de ilustrações com exemplos das tabuadas de Rapskali. Como lembrar que seis vezes oito dá 48? Usando arte. Isso era muito comum na época medieval. Há muitas lições para aprender com a época medieval, se quiser ter certeza de que vai conseguir lembrar o que está fazendo. Número um: não digite anotações, todas as páginas parecem iguais, então não se tornam memoráveis. Por isso os manuscritos medievais eram tão elaborados e cada letra maiúscula era diferente. Eles deixavam espaço nas margens para fazer anotações e as pessoas faziam acréscimos a esses lindos manuscritos, assim cada página tinha um visual completamente diferente. Mas dois dos dispositivos usados na época medieval que de fato me pareceram muito úteis foram o alfabeto visual e o bestiário.

O alfabeto
visual de
Lynne Kelly:
V–Vulture,
W–Wombat,
X–Xena,
Y–Yak,
Z–Zeus.



Este é um livrinho que produzi em que cada letra do alfabeto está associada a alguma coisa. Provavelmente você está acostumado a 1 Sol, 2 sapatos, 3 árvores, como um exemplo de lista. É muito mais eficaz se você tiver coisas um pouco mais ativas do que maçãs e árvores. Então, eu tenho o *Vulture* [Urubu] que vai atacar o *Wombat* [Vombate], que também está sendo atacado pela *Xena* que está montada em um *Yak* [Iaque], sendo atacada por *Zeus*. Essas são as minhas últimas letras. E esse contínuo significa que é possível ver a história se desenrolando. Quando estou dando palestras, como estou fazendo agora, estou mesmo passando por cada uma delas, neste momento cheguei até a *Xena*. Então associei cada parte da minha fala a uma letra diferente e prossegui.

Outra página do alfabeto visual de Lynne Kelly, com o inseto Tesourinha.



Mas meu grande problema é memorizar nomes, por isso, para cada par de letras que frequentemente aparece nos nomes, tenho um animal. Então *Earwigs* [o inseto Tesourinha] aqui se eu encontrar alguém chamado Earl... digamos *Ebony*, *Ebony* que encontrei no café do bairro, e tenho que associá-la com um piano — *ebony* e *ivory* [ébano e marfim] — então, quando ela saiu para pegar o café, na minha imaginação ela estava saindo para dar uma tocadinha no piano ao fundo. Toda vez que vejo *Ebony* sei que o nome dela é *Ebony*, esse é o único -eb. Algumas vezes você precisa fazer mais, como -el para Elefante vai te dar Elizabeth e Eliza e muitos outros, nesse caso é preciso fazer outras partes também. Mas isso funciona muito bem e esse é um método medieval chamado bestiário, os bestiários eram usados de fato, livros de animais. Fiquei sem animais, tem coisas que não dá para associar com animais, mas ainda consigo administrar usando coisas e esse sistema faz milagre.

O que não percebi quando fiz isso foi o quão valioso isso seria para aprender francês e chinês. Agora criei um em francês, que posso usar de forma muito semelhante para qualquer vocabulário francês. Se quero acrescentar alguma coisa a algo que começa com *-la*, vou associar isso com o coelho *Lapin*. [Em] chinês, isso tem que ser implementado de um jeito um pouco diferente por causa da estrutura da língua, mas funciona muito bem. Não sei como conseguiria dar conta do chinês sem o meu bestiário.

Portanto, há muitas coisas que se pode fazer, há maneiras de memorizar números e datas. Entrei em concursos de memória. Para quem já leu *The Memory Code*, falei no final que eu não poderia participar de concursos de memória, embaralhando baralhos de cartas e memorizando grandes sequências de números, porque não aguentaria o estresse. Mas decidi que tinha que fazer isso, então participei de concursos de memória em 2017 e 2018, não houve nenhum desde então na Austrália. Sou a atual campeã sênior, uma vez venci até o campeão sênior japonês, embora ele tenha uma classificação melhor do que a minha. Para que eu consiga memorizar cartas embaralhadas, listas de números e coisas assim, essas técnicas funcionam. Essas coisas não têm muita utilidade — então use as técnicas para coisas mais importantes! Mas a questão é, não importa qual a sua idade, nem a sua capacidade de memória, você sempre pode continuar aprendendo e nunca deve parar de aprender.

LYNNE KELLY é uma escritora premiada, pesquisadora e educadora científica da Austrália, trabalha como membra pesquisadora honorária na Universidade La Trobe, em Melbourne. Suas publicações mais recentes tratam da oralidade e memória: *Knowledge and Power in Prehistoric Societies: Orality, Memory and the transmission of Culture* [Conhecimento e poder nas sociedades pré-históricas: oralidade, memória e a transmissão de cultura] (2015), *The Memory Code* [O código da memória] (2016), *Memory Craft* [Ofício da memória] (2019), *Songlines: the Power and Promise* [Songlines: poder e promessa] (2020, com Margo Neale) e *The Knowledge Gene* [O gene do conhecimento] (2024). Sua pesquisa atual está centrada na aplicação de tecnologias mnemônicas em quatro áreas: educação, envelhecimento, técnicas de memória para aprender línguas estrangeiras e compreensão dos antigos sistemas de conhecimento das culturas orais. Ela mantém um site, que pode ser acessado [aqui](#).

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Anna Dantes, a assistência editorial é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Agradecemos a Gerrie Schrik pela apresentação, transcrição e preparação deste caderno e a Mary Hatakeyama pela tradução do inglês para o brasileiro. Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore

GERRIE SCHRIK

Educadora e tradutora, sempre fazendo trilha, passarineira e contadora de histórias, que ama ler e arte - morando numa pequena agrofloresta à beira de um ribeirão na bacia do Rio Piracicaba. Honrando e reconhecendo os Guarani e Kaingang, os guardiões tradicionais destas terras e águas.

MARY HATAKEYAMA

Mãe, jardineira, professora, tradutora. Graduada em letras e pedagogia. Nasceu em São Paulo, Brasil. Desde 2022 participa da Comunidade Selvagem, colaborando nos grupos de tradução de textos para inglês e espanhol, lendo, traduzindo e revisando textos de forma coletiva e artesanal.

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2024

